

Centro: Jurídicas

Curso: Direito

Título: SONHOS INVISÍVEIS - SOBRE O TRABALHO DOS PORTEIROS E FAXINEIRAS - RELATOS DE TRABALHO A CAMPO.

Autores: Cardoso, E.M.A. Faria, G.S. Gonçalves, G.H.S. Matos, V. **Email:** virgiliodemattos@terra.com.br **IES:** FESBH

Palavra Chave: Invisibilidades Preconceito Trabalhadores Precarizados

Resumo:

Reunidos durante o curso do curso de Ciência Política no segundo semestre de 2011, na FESBH - Campus Floresta, o embrião do que mais tarde se tornaria o núcleo duro do Grupo de Pesquisas Memória, Justiça e Verdade[1], precisava de uma espécie de teste – à míngua de outra expressão mais elegante e inteligente. Como explicar o distanciamento, o afastamento, se nunca haviam perguntado nada a ninguém e depois pudessem rever os resultados em conjunto? O primeiro teste, a campo e de texto, foi um rápido diagnóstico da realidade de vida dos trabalhadores “invisíveis” – porteiros e faxineiras[2]– em nossa própria instituição de ensino. Daí generalizou-se a “dificuldade” que era percebermos aqueles trabalhadores, saber-lhes o nome pelo menos. E que isso não era um “privilégio” do espaço acadêmico, também funcionava a invisibilidade dessas profissões fora dele. O que se poderia fazer em um trabalho a campo sem nenhuma experiência prévia? Esta e outras questões tentamos responder de forma coloquial. Sem o contato direto, a campo, com quem se quer ouvir, é difícil podermos entender dificuldades básicas, como a tragédia diuturna de ir e vir para o trabalho deixando quatro horas e meia de precioso tempo, no qual é difícil até mesmo conseguir cochilar, apertado entre vagões de metrô e ônibus lotados. Aliás, outra categoria de invisibilidade incontestável é a de trabalhadores do transporte público. Vivemos um tempo, sombrio é bem verdade, onde a diminuição dos direitos trabalhistas, a terceirização, a super exploração do trabalhador que é controlado mesmo fora e distante de seu posto de trabalho – quer pelo telefone móvel, quer pelo correio eletrônico – são vistos como traço de “modernidade”. Tudo em nome do mantra da “redução de custos”, “otimização de resultados”, reengenharia, outsourcing[3], downsizing[4] e por aí vamos.

